

## Introdução á obra de Marcel Mauss

1872/1950 – Épinal, França

- Marcel Mauss foi um dos antropólogos de pensamento mais fecundo e influente na antropologia, sendo um dos precursores da escola antropológica francesa, que culminará nos trabalhos de Claude-Lévi-Strauss (1906-?).

- Era sobrinho de Émile Durkheim (1858-1917), nascendo 14 anos depois deste, na mesma cidade e país.

- Acompanha de perto os passos do tio, mas resignifica vários conceitos de Durkheim, em especial o de fato social, que Mauss chamará de **FATO SOCIAL TOTAL**.

- Também rompe com o tio em dois outros pontos que se complementam: 1) apesar de postular a AUTONOMIA DO SOCIAL (como Durkheim), estabelece um **novo estatuto para a antropologia**, que para Durkheim, era apenas um ramo da sociologia e que para Mauss, será uma ciência autônoma; 2) inaugura uma atitude epistemológica **interdisciplinar**, dialogando com a história, a biologia, a psicologia, a sociologia, sem falar também nas outras ciências e aspectos da sociedade, como o direito, o econômico, o estético, o religioso.

- Até por conta desta tendência interdisciplinar, sua obra é muito vasta, bem como suas linhas centrais de pensamento. Seus textos são densos e por vezes tendem ao poético, em especial, o livro O Ensaio sobre a Dádiva, que ao tocar na questão da troca e da reciprocidade como fundamentos da vida social irá influenciar totalmente Claude Lévi-Strauss.

- Na impossibilidade de vermos a obra completa de Mauss, vamos iniciar por um texto que não é dele, é uma leitura de Lévi-

Strauss sobre Mauss e ordenaremos nossas discussões em três grandes eixos:

1) A idéia da Unidade Bio-Psíquica-Social do Homem

- Aqui comentaremos principalmente a seguinte obra: As técnicas corporais (seminário 06, dia 26/10)

2) A noção de Fato Social Total e a Troca como fundamento da vida social

- O ensaio sobre a dádiva 1923 (farei só um esboço)

3) O inconsciente como termo mediador entre mim e o outro

- Diálogos com a psicologia: “Relações reais e práticas entre psicologia e sociologia” e “Efeito físico no indivíduo da idéia da morte sugerida pela coletividade” (seminário 07, 30/10)

- Infelizmente, ficarão de fora as discussões sobre a magia, a noção de pessoa, as formas primitivas de classificação (que ele escreveu junto com o tio, ver indicação no programa, aula 17, bibliografia complementar).

## Lévi-Strauss leitor de Mauss

### 1) A idéia da Unidade Bio-Psíquica-Social do Homem

- Mauss empreenderá por volta de 1926 uma famosa discussão sobre as técnicas corporais, tentando relacionar por um lado o FISIOLÓGICO e o SOCIAL

INDIVÍDUO e o GRUPO

- Esta discussão aparecerá em toda a discussão que ele faz sobre o corpo e depois nos embates que ele travará com o culturalismo americano.

#### 1.1) O corpo enquanto artefato cultural

- Ele diz que as ciências humanas deveriam olhar o modo pelo qual toda sociedade impõe ao indivíduo um uso rigoroso do seu corpo. É por meio da educação das necessidades e das atividades corporais que a estrutura social impõe sua marca sobre os indivíduos



Pg 03 “Adestram-se crianças...a dominar reflexos...inibem-se medos...selecionam-se pausas e movimentos...A educação da criança está cheia do que chamamos de detalhes, mas que são essenciais. Quantidades de detalhes, inobservados e dos quais é necessário fazer a observação, compõem a educação física de todas as idades e dos dois sexos” .

- Ele salientava, tanto nas obras As Técnicas Corporais (1974) e A Noção de Pessoa (1974), as várias maneiras possíveis por meio das quais cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado do seu corpo, bem como da fabricação de máscaras sociais que se sobrepõem ao indivíduo (Idéia de PERSONA). Segundo ele, é através da educação das necessidades

e das atividades corporais que a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos.

- O corpo, para Mauss, é necessariamente uma construção simbólica e cultural, para ele, toda sociedade se utiliza de formas para marcar o corpo de seus membros.

- Antecipando os trabalhos de Ruth Benedict e Margareth Mead, Mauss volta-se para as relações entre **etnologia e psicanálise** → olhar inclusive as técnicas de desmame, da maneira como as crianças são tratadas, a ponto dele propor uma classificação dos grupos humanos em “pessoas que utilizaram o berço...e pessoas que não o fizeram”.

- pg 4: Importância intrínseca do corpo, a ponto de alertar para a “**a premente necessidade de se fazer o inventário e a descrição de todos os usos que os homens, no curso da história e principalmente em todo o mundo, fizeram e continuam a fazer de seus corpos**”



Para ele, **os limites da dor, da excitabilidade, da resistência são diferentes em cada cultura**. Sua premissa básica é que **o homem, sempre e em toda parte, soube fazer de seu corpo um produto de suas técnicas e de suas representações**. A sociedade fabrica, de acordo com épocas e lugares, estereótipos e modelos de comportamento que se inscrevem no corpo.

- Esta idéia de fazer o inventário do modo como os homens fizeram de seu corpo um produto de práticas e representações, na opinião de Lévi-Strauss, combateria inclusive o racismo:

**Pg 5: “A empresa seria altamente capaz de enfrentar os preconceitos de raça, pois diante de concepções racistas que querem ver no homem um produto de seu corpo, mostraria o**

contrário, que é o homem, sempre e em toda parte, que soube fazer de seu corpo um produto de suas técnicas e de suas representações”

- Assim a experiência do corpo, para Mauss é cultural e específica de cada sociedade. Ele diz que todo etnólogo que tenha trabalhado no campo do estudo do corpo sabe que as possibilidades são muito variáveis de acordo com os grupos:

Pg 4: “Os limites da excitabilidade, os limites da resistência são diferentes em cada cultura. O esforço ‘irrealizável’, a dor ‘insuportável’, o ‘prazer indizível’ são mais critérios sancionados pela aprovação ou desaprovação coletiva do que função de particularidades individuais”.

- Sobre o corpo, já apreendido como algo no domínio da cultura, serão impostas **TÉCNICAS CORPORAIS** (Mauss, 1974), ou seja, atos tradicionais e eficazes que combinam elementos biológicos, psicológicos e socioculturais, sem que os próprios agentes e objetos tenham sempre consciência disto:

Exs: produção do fogo por fricção/corte dos instrumentos de pedra por lascamento

Técnicas obstetrícias, modos de andar, de sentar e até mesmo as ginásticas.

- Ele propunha até uma **“antropologia do gesto”**: fazer a arqueologia do gesto e de outros hábitos corporais poderia ser tão ou até mais fecundo do que só observar registros da pré-história.

- Técnicas e condutas tradicionalmente apreendida e transmitida, fundamenta-se em certas sinergias nervosas e

musculares que constituem verdadeiros sistemas, solidários com todo um contexto sociológico.

## 1.2 O debate com o culturalismo americano (Franz Boas, Margareth Mead e Ruth Benedict)

- Mauss acusa o culturalismo americano de ter separado o corpo da psique e do social e depois procurar juntá-los. Presos no círculo vicioso do que acontece primeiro, se os diferentes tipos de personalidade moldam diferentes tipos de cultura ou se é a cultura que forma a personalidade, Mauss acredita que os culturalistas entraram num beco sem saída. Ele critica aqui também seu tio, que afirmava a preponderância do social por ele mesmo.

- pg 06 e 07: o único modo de resolver o impasse é percebendo que [a formulação psicológica é apenas uma tradução, no plano do psiquismo individual, de uma estrutura propriamente sociológica.](#)

- De um certo modo, como mostra Lévi-Strauss, Mauss acaba subordinando o psicológico ao sociológico, mas porque para ele:

[É próprio da natureza da sociedade exprimir-se simbolicamente em seus costumes e em suas instituições; contrariamente, as condutas individuais normais jamais são simbólicas por elas mesmas: são elementos a partir dos quais um sistema simbólico, que só pode ser coletivo, se constrói.](#)

- O que ele está querendo dizer é que [a cultura é um sistema simbólico e um sistema simbólico, por sua vez, é uma construção coletiva, porque não se pode simbolizar sozinho.](#)

- ver pg 09: “toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos em cuja linha de frente colocam-se

a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas visam a exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e, ainda mais, as relações que estes dois tipos de realidade mantém entre si e que os próprios sistemas simbólicos mantém uns com os outros”

- Outro problema que Mauss está tentando abordar é o da relação entre NORMAL X PATOLÓGICO, já trabalhada por Durkheim.

- Para Mauss, em vez de se partir do que é anormal, deve-se partir do normal, ou seja, só analisando o geral, o padrão, o que uma sociedade codifica e classifica como normal é que podemos identificar o diferente:

Pg 08: “O domínio do patológico jamais se confunde com o domínio do individual, pois diferentes tipos de perturbações ordenam-se em categorias, admitem uma classificação e as formas predominantes não são as mesmas segundo as sociedades e segundo tal ou qual momento da história de uma mesma sociedade”.

- pg 06: Em 1924, dirigindo-se aos psicólogos, Mauss dizia:

“Enquanto os senhores seguem estes casos de simbolismo, muito raramente e com freqüência em séries de fatos anormais, nós seguimos inúmeros deles de uma maneira constante e dentro de séries imensas de fatos normais”.

- Comparações entre neuróticos e xamãs que o próprio Lévi-Strauss fez no texto “O feiticeiro e sua magia” [que veremos na aula 26, provavelmente, dia 13/11].

- Mas em linhas muito gerais, para não quebrar o suspense da aula 26, o que Lévi-Strauss diz é o seguinte:

- W.B.Cannon analisou quais os mecanismos psico-fisiológicos que estariam presentes, em inúmeras sociedades, nas mortes por feitiçaria.
  - Quando um indivíduo acredita que está enfeitiçado, é ao mesmo tempo persuadido pelo grupo que está condenado, todos partilham desta certeza, a sociedade toda se retrai e passa a considerar o indivíduo como morto. Este por fim sucumbe, pois **a integridade física não resiste á dissolução da personalidade social.**
  - Assim, através de análises fisiológicas, Cannon mostrou ser possível haver de fato uma eficácia de certas práticas mágicas.
  - Mas Lévi-Strauss diz que a eficácia da magia depende da crença na magia e que esta se apresenta sob 3 aspectos complementares: a) que o feiticeiro acredite na eficácia de suas técnicas; b) a crença do doente nos poderes dos xâmas; c) a crença da sociedade em ambas as coisas.
  - Assim, de um certo modo, xamãs e psicólogos partilham universos comuns (baseados na crença da eficácia e nas atividades ritualísticas que as alimentam); e enfeitiçados e neuróticos também, em virtude de seus estados psíquicos e até mesmo de crises/possessões.
- Mas há limites nestas comparações e, principalmente, muitos equívocos. Na pg 08, Lévi-Strauss diz:
- 1) os psiquiatras diante de documentos visuais que mostram crises de possessão, declaram-se incapazes de ligar estas manifestações a qualquer

outra que estudam em seus consultórios; 2) os próprios antropólogos percebem que os xamãs e mesmo os possuídos são absolutamente normais fora dos momentos codificados socialmente como de desordem.

- O **feiticeiro**, em vez de ser um louco que compromete o sistema, é um **elemento de equilíbrio social**,

- as formas de perturbação mentais características de cada sociedade e a porcentagem de indivíduos por elas afetados constitui-se num fator de equilíbrio social.

“Em um estudo recente e notável, depois de ter anotado que nenhum xamã ‘é, na vida cotidiana um indivíduo anormal, neurótico ou paranóico, sem o qual seria considerado um louco e não um xamã’, Nadel sustenta que há uma relação entre as perturbações patológicas e as condutas xamânicas, que consiste mais na necessidade de definir as primeiras em função das segundas, do que numa assimilação das segundas pelas primeiras”

“Precisamente porque as condutas xamanísticas são normais, resulta que nas sociedades onde há xamãs, podem ser normais determinadas condutas, que alhures seriam consideradas patológicas”

- o **xamanismo** desempenha um **duplo papel** face a **disposições psicopáticas: explorando-as** de um lado, mas de outro, **canalizando-as e estabilizando-as**.

- Para Mauss e para Lévi-Strauss é preciso sim conectar rituais e contextos psicopatológicos,

“Isto não significa que as sociedades primitivas colocam-se sob a autoridade de loucos, mas que nós mesmos, tratamos ás

cegas fenômenos sociológicos, como se eles se extraíssem da patologia, quando com ela nada tem a ver”.

- O que ele quer dizer é que **cada sociedade define o que é loucura para si** e em função desta classificação é que alguns indivíduos podem ser considerados loucos, pois não correspondem aos padrões engendrados pela sua cultura.

- Aliás, é até um pouco mais complicado, porque na verdade o que Mauss acha é

1) que nenhuma sociedade é capaz de produzir códigos que possam ser absorvidos por toda a população;

2) cada sociedade possui suas **formas preferidas de perturbações mentais** e que estas, tanto quanto as formas normais, são funções de ordens construídas coletivamente [é por isso que para ele, o psicológico está subordinado ao social e não o contrário].

3) a loucura vem do fato de que como a sociedade não é integralmente transparente a todos os seus membros, a sociedade, ela mesma, pede a determinados indivíduos que se situam fora de um dos vários sistemas simbólicos que a compõem que façam a transposição necessária, ou seja,

Pg 10: “A estes indivíduos o grupo pede e até mesmo impõe que figurem certas formas de compromissos irrealizáveis no plano coletivo, que finjam transições imaginárias, que encarnem sínteses incompatíveis. Em todas estas condutas aparentemente aberrantes, os “doentes” apenas transcrevem um estado do grupo e tornam manifestas tais ou quais de suas constantes”

- Pg 11: “Para cada sociedade, a relação entre condutas normais e condutas especiais é complementar”

## 2) A noção de FATO SOCIAL TOTAL e a TROCA como FUNDAMENTO DA VIDA SOCIAL.

- O pulo do gato que Mauss empreende é a noção de **FATO SOCIAL TOTAL**, que faria desde o início a **síntese entre biologia/psicologia, sociologia e história** → “**totalidade folhada**”. Todos os níveis, biológicos/psicológicos; sociológicos, históricos, econômicos; jurídicos, etc são constitutivos de uma determinada sociedade e devem ser apreendidos em seu conjunto, de modo integral. “**Após ter forçosamente dividido um pouco exageradamente, é preciso que os sociólogos se esforcem em reconstituir o todo**”. Para Mauss, os fenômenos sociais são “**antes sociais, mas também conjuntamente e ao mesmo tempo, fisiológicos e psicológicos**”. As condutas humanas devem ser apreendidas em todas as suas dimensões.

- É preciso definir o social como realidade, mas o social só é real quando integrado em sistemas.

- pg 14: “**O fato social total** apresenta-se, pois com um **caráter tridimensional**. Deve fazer coincidir a dimensão propriamente **sociológica** com seus múltiplos aspectos sincrônicos; a dimensão **histórica**, ou diacrônica; e, finalmente, a dimensão **fisio-psicológica**. Ora, é só nos **indivíduos** que esta tríplice abordagem pode ser feita”.

- A idéia de fato social total permite ligar o social com o individual  
o físico com o psíquico

- Fato social total: deve ser apreendido de uma experiência concreta: Numa sociedade localizada no tempo e no espaço  
Nos indivíduos destas sociedades

- Complementariedade dinâmica entre psíquico e social.
- A idéia de fato social total faria a unidade entre coisa e representação, pois implica em perceber que não só tudo faz parte da observação, **mas que o observador é, ele mesmo, parte de sua observação.**
- pg 17: **“Para compreender convenientemente um fato social, é preciso apreendê-lo totalmente, de fora como uma coisa da qual é parte integrante a apreensão subjetiva (consciente e inconsciente) que conseguimos se, inelutavelmente homens, vivêssemos o fato como indígena, ao invés de observá-lo enquanto etnógrafo”.**
- O antropólogo deve fazer uma apreensão externa do fenômeno, mas que apreenda também a lógica externa dos mesmos.
- Como vemos, a tarefa é extremamente difícil e exige um grande esforço do antropólogo, que tenta resolvê-la através do processo que Mauss denominou de **OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO.**
- pg 18: Toda sociedade que não seja a minha é objeto.  
“Toda sociedade diferente da nossa é objeto, todo grupo de nossa própria sociedade, desde que não seja o de que saímos é objeto, todo costume desse mesmo grupo ao qual não aderimos é objeto”.
- O encontro com o outro nos mostra outras possibilidades do que poderíamos ter sido caso tivéssemos nascido em culturas diferentes. Nos mostra também a impossibilidade de irmos a ser outra coisa, distinta daquela que a sociedade nos moldou.
- Agora, como lançar-se nesta empresa de identificação com o nativo sem que o antropólogo corra o risco de ser vítima do mal entendido de chegar á uma apreensão tão subjetiva que não apresente, com a do indígena, nenhum ponto comum, além de sua

própria subjetividade? Como descer a um nível tão profundo e realizar antropologia e não apenas trocas de subjetividade?

- O terceiro pilar que Lévi-Strauss identifica em Mauss nos dá a chave para o problema e será a grande bandeira do próprio Lévi-Strauss: É preciso descer às profundezas de si mesmo e do outro para realizar este tipo de síntese que o movimento antropológico exige e isso só pode se dar no **INCONSCIENTE**.

3) O inconsciente como termo mediador entre mim e o outro

- A função do etnógrafo para Lévi-Strauss, não é compreender, como era para Geertz, mas sim explicar, buscando as leis gerais que se processam no inconsciente.

- pg 19: colaboração entre sociologia e psicologia → O **inconsciente** daria o caráter ao mesmo tempo comum e específico dos fatos sociais: “**Na magia, como na religião, são as idéias inconscientes que agem**”.

- Isto permitiria a análise de **estruturas que são as mesmas**, no nativo e em mim.

- O fato social total seria uma espécie de estrutura, pois integraria elementos dissociados.

- Quando Mauss vai analisar as categorias de Hau e Mana, ao falar da troca de presentes, ele percebe que elas são categorias nativas. Mas para Lévi-Strauss, só isso não basta, pois é preciso ir além das categorias nativas e perceber a **LÓGICA** que criou estas categorias. É possível explicar a lógica das categorias porque estas estariam fundadas em **mecanismos comuns do espírito humano**, dadas pelas **ESTRUTURAS INCONSCIENTES**.

- Relação tanto de Mauss quanto de Lévi-Strauss com a lingüística estrutural, que nos familiarizou com a idéia de que os fenômenos fundamentais da vida do espírito situam-se no estágio do pensamento inconsciente. O INCONSCIENTE SERIA ASSIM O TERMO MEDIADOR ENTRE MIM E O OUTRO.

Mauss: Noções de SISTEMA

TOTALIDADE  
INCONSCIENTE  
DOM

- Texto O ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades primitivas (1923).

- As trocas são fenômenos coletivos e a circulação de riquezas é apenas um dos termos dentro do contrato amplo e permanente entre os envolvidos.

- Elas respondem á necessidades culturais e não apenas econômicas ou utilitárias.

- A troca envolve três obrigações: dar, receber e retribuir. São obrigações porque a recusa no jogo das trocas significa negar a aliança e a comunhão.

- é necessário retribuir as dádivas, e a obrigatoriedade da troca representa o desejo da relação social.



Exs: famoso pratinho de comida que tem que ser retribuído, ou o pedaço de bolo para compensar o empréstimo da xícara de farinha, presentes de natal.

- A troca é também uma linguagem, uma forma de comunicação em que se troca Bens

Mulheres                      Mauss chama isto de Sistema  
Linguagens                      de prestações totais

- Base para Lévi-Strauss pensar o incesto como a regra das regras, pois é através da troca que se fundará toda vida social do homem.

- A própria cultura seria um sistema generalizado em todos os níveis.

- As trocas de sociabilidade e os intercâmbios que vão fazer do homem, homem.

- Para Lévi-Strauss, o texto de Mauss, o Ensaio sobre a Dádiva transcende a observação empírica e alcança realidades mais profundas. O social torna-se um sistema, como vai acontecer depois com Malinowski.

- Tanto Malinowski quanto Mauss preocuparam-se com a questão da troca, o primeiro entre os trombiandeses e o segundo entre povos australianos.

- Noções de Mana e Hau, semelhantes ao “axé” dos baianos, é aquilo que cimenta as relações sociais.



Espírito da coisa dada.